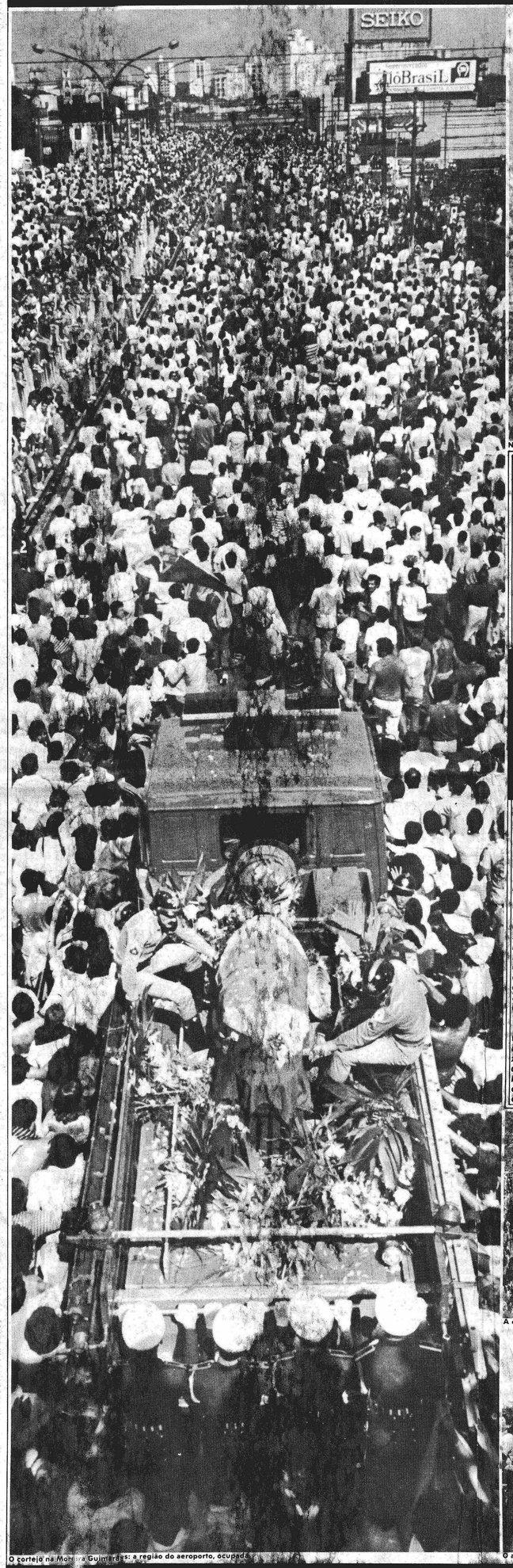


O cortejo na Morumbi Guimarães: a região do aeroporto, ocupada.

No parque do Ibirapuera: o povo já havia cercado o caminhão dos bombeiros. E cantava.

Dois milhões de pessoas, segundo cálculos da Polícia Militar, ocuparam as ruas e avenidas de São Paulo, do Instituto do Coração ao aeroporto de Congonhas, para o adeus paulista a Tancredo Neves. Invadiram as ruas, ao lado do caminhão do Corpo de Bombeiros, como se o estivessem carregando, por dez quilômetros durante duas horas, das 9h30 às 11h30. Foi a visão dessa gente que emocionou dona Risoleta, na escada do avião para Brasília. O cortejo fúnebre em Brasília, com o corpo levado por um blindado Urutu do Exército, chegou ao Palácio do Planalto às 17h40, com atraso de 40 minutos. Na rampa do palácio, estavam dona Risoleta, sua família, o presidente Sarney e sua mulher Marly. No salão nobre, onde o caixão foi colocado, havia ministros, governadores, parlamentares e representantes da igreja, que começaram a chegar antes das 13 horas. O corpo do presidente ficou exposto para visitação pública no salão nobre, de onde sai hoje, às 12h30, para Belo Horizonte (onde será velado no Palácio da Liberdade). Amanhã, o caixão sai em direção a São João del Rei, terra de Tancredo: ele será enterrado no mausoléu da família. A morte do presidente repercutiu em todo o mundo. Os jornais noticiaram em primeira página, expressando pesar e uma certa apreensão: a falta de Tancredo poderia afetar o projeto político e econômico que se abre para o Brasil. O papa João Paulo II, em uma carta de duas páginas (normalmente, ele mandaria um telegrama), disse: "Faço votos de que os elevados ideais e propósitos do doutor Tancredo Neves não desapareçam com ele". Em Brasília, ontem, já se falava nisso — no futuro do País e de Sarney. Como disse o senador Fernando Henrique Cardoso: ao consagrar Tancredo, o povo queria mudanças. E isso continuará a ser cobrado.

O adeus a Tancredo

Magra, frágil, ele subiu as escadas do avião amparado pelo governador Franco Montoro e pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns. Mas parecia firme, ainda que tivesse pela frente uma longa viagem de volta à terra natal e, portanto, os 39 dias de sofrimento. No alto da escada, voltou-se para a multidão. Jogou um beijo, acenou, levantou as mãos num aperto: dona Risoleta não sabia como agradecer ao povo de São Paulo.

Parecia dizer que gostaria de apertar cada uma daquelas milhares de mãos — cujos donos acompanharam a doença do presidente e naquele momento olhavam com profundo respeito e mesmo orgulho a sua primeira-dama, agora vestida de negro. Espalhados pelas ruas, não só em frente ao aeroporto mas por todo o percurso do cortejo fúnebre, havia dois milhões de pessoas, segundo cálculos da Polícia Militar. Dona Risoleta parou na escada — e, com ela, os filhos, netos, irmãos, sobrinhos, ministros e autoridades. A multidão que se despedia de Tancredo Neves era um espetáculo emocionante.

— Risoleta! Risoleta! — gritaram.

O Boeing presidencial — VC-96 -2115 — já estava estacionado na pista de Congonhas, em frente à ala oficial, desde cedo, pronto para receber o caixão com o corpo do presidente. A primeira metade do avião, onde fica a suíte presidencial, foi desembaraçada de móveis para dar lugar ao pedestal onde seria colocado o caixão. Na parte de trás, onde permaneceram as poltronas comuns viajariam a família do presidente e as autoridades. Pouco antes das 10 horas, subiram a bordo seis soldados: dois da Marinha, dois do Exército, dois da Aeronáutica, nesta ordem, respeitando a antigüidade das Armas. Eles seriam encarregados da guarda de honra ao corpo do presidente, na viagem até Brasília.

Na Avenida Rubem Berta, em frente ao aeroporto, a multidão cobria todos os espaços, mas por enquanto tranqüila e ordeiramente contida nas calçadas e ilhas. A partir das 10h30 m começaram a passar por ali os motoqueiros. E foram chegando, sem parar, centenas deles, de todas as idades, alguns com crianças na garupa. No meio deles, alguns afoitos ciclistas. Era o anúncio de que o cortejo deveria estar-se aproximando. Algumas pessoas começaram a aplaudir e, das janelas e sacadas de edifícios, moradores acenavam lenços brancos e amarelos, além de penduraram nos parapeitos toalhas rendadas, uma velha tradição de Minas Gerais nas procissões da Semana Santa.

Mas aquela multidão ansiosa ainda teria de esperar mais uma hora pela chegada do caminhão do Corpo de Bombeiros que trazia o caixão do presidente. Porque a outra multidão, que acompanhou a pé o trajeto, como se quisesse carregar nos braços o seu líder morto, fez o cortejo andar mais devagar.

Quando o caminhão dos Bombeiros apontou na curva que a Rubem Berta faz em frente à cabeceira da pista de Congonhas, não foi mais possível conter a multidão. Carros da polícia, batedores da PM e até alguns motoqueiros bem que tentaram manter as pessoas afastadas da pista, mas acabaram desistindo. E o povo invadiu, se espalhou, tomou toda a avenida dos dois lados até não se avistar sequer um pedaço de asfalto.

O caminhão passou bem devagar em frente à ala oficial do aeroporto saudado por palmas, lenços brancos, bandeiras e vivas. Por alguns momentos, um cordão de policiais militares conseguiu manter livre o caminhão. Mas logo atrás o carro preto em que estava dona Risoleta é praticamente coberto pela massa humana. Do terraço que fica sobre a ala oficial, mal se conseguia avistar o teto desse carro.

Enquanto o cortejo deu a volta para entrar na pista, pelo lado dos hangares, junto do avião começaram a se aglomerar os políticos e autoridades, os que iam viajar e os que foram só se despedir. O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, o chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco e o governador de Minas, Hélio Garcia, subiram juntos no avião. Nesse momento já se ouviam os tiros de canhão que estavam sendo disparados do outro lado do aeroporto.

Às 11h45 chegou ao lado do avião o caminhão dos Bombeiros com o caixão. À frente dele, apenas um jipe do Infraero e um batedor do Exército. Atrás, só cinco carros da comitiva. Lá embaixo, na Rubem Berta, a multidão aplaudiu. Dona Risoleta desceu do carro e, ao lado do governador Montoro, de d. Paulo Evaristo Arns e diversas autoridades, parou em frente ao caminhão dos Bombeiros para assistir à descida do caixão. Outro grupo de soldados das três Armas transportou o caixão, do caminhão até o Boeing. Ao subirem as escadas, mais palmas e acenos por parte do povo. Depois é a vez de dona Risoleta subir e fazer o seu agradecimento à multidão.

Os soldados que levaram o caixão para dentro sairam do avião, a porta foi fechada. O povo voltou a aplaudir e a acenar com lenços brancos. Às 11h55 as turbinas são ligadas. Está chegando a hora, ele está indo embora para sempre, os aplausos se tornam mais fortes. O avião começa a andar. Os aplausos e os gritos do povo são mais altos do que o barulho das turbinas: "Um, dois, três, quatro, cinco mil, Tancredo continua presidente do Brasil". O avião levanta vôo e os gritos o acompanham:

"Tancredo! Tancredo! Tancredo!"

Quando o avião já estava no alto, a multidão começou a se dispersar, bem devagar, sem tumulto, triste e cantando: "Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer".

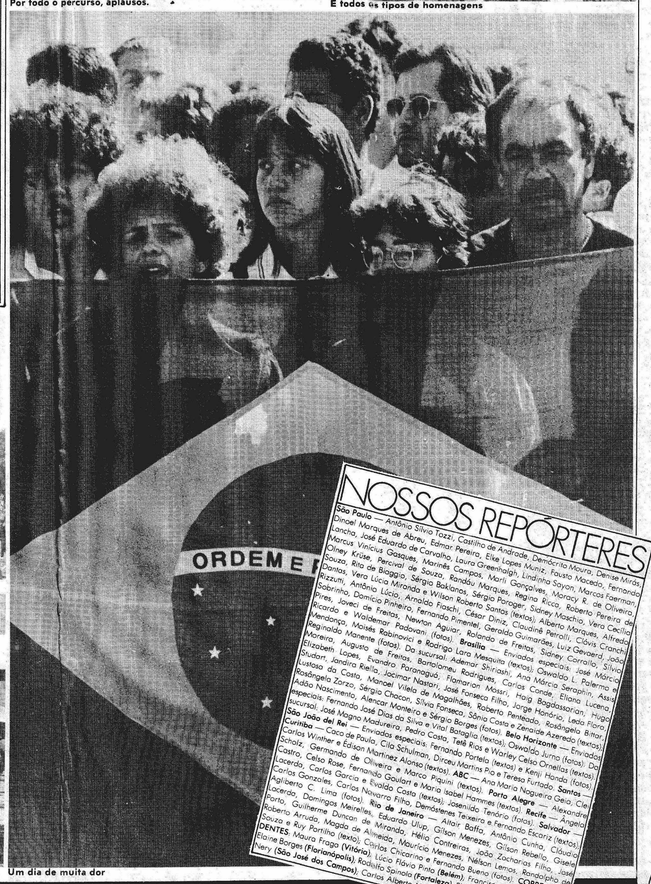
À saída do portão da ala oficial, encostadas no muro e praticamente destruídas, três coroas de flores, verde-amarelas e anônimas. Alguém não pôde dar o seu último presente a Tancredo Neves.

V.L.M.

Dona Risoleta, no alto da escada: apertando a mão de todos os paulistas.

Por todo o percurso, aplausos.

E todos os tipos de homenagens



Um dia de muita dor

A comitiva oficial

O adeus comovido

Um adeus de dois milhões de paulistas, nas ruas da cidade.

No monumento: todos os espaços tomados.

Em Congonhas: sob as vistas do País.

NOSSOS REPORTERES

São Paulo — Antônio Silvio Tozzi, Castilho de Andrade, Denômia Moura, Denise Mirás, Ismael Marques de Abreu, Edmar Pereira, Elke Lopes Muniz, Fausto Macedo, Fernando Lancha, José Eduardo de Carvalho, Laura Greenhalgh, Lindalva Sayori, Marcos Faermann, Marcus Vinicius Gasques, Marinês Campos, Marli Gonçalves, Marocy R. de Oliveira, Sidney Krüse, Percival de Souza, Randau Marques, Regina Ecco, Roberto Pereira de Souza, Rita de Biagio, Sérgio Barlaqui, Sérgio Pompeu, Sidney Moschia, Vera Cecília Dantas, Vera Lúcia Miranda e Wilson Roberto Santos (textos). Alberto Marques, Alfredo Buzzum, Antônio Lúcio, Arnaldo Fischl, Cássio Diniz, Claudia Peirolli, Clóvis Cranchi, Gabrielinho, Damião Pinheiro, Fernando Pimentel, Geraldo Guimarães, Luiz Geraldo Santos, Ricardo e Freitas, Newton Aguiar, Eduardo de Freitas, Sidney Carrillo, Silvio Pires, Jorge de Freitas, Roberto Fischl, Ricardo Malaquias, Ubiratan Lucena, Wendenço, Waldemar Pacheco, Fotos). **Brasília** — Eduardo de Freitas, Luiz Geraldo Santos, Reginaldo Moisés Rabinovici e Rodrigo Lara Mesquita (textos). Emanuel Carneiro, Ledo Ivo, Moreira, Augusto de Freitas, Bonilomen, Rodrigues, Carlos Conde, Eliana Lucena, Elizabeth Lopes, Evandro Teixeira, Flamarion Nascimento, José Fonseca Filho, Jorge Hondro, Luiz Sudari, Sandra Bella, Jacimar Tarapaqui, Flamarion Rodrigues, Carlos Alberto Jesus Costa do Castro, Manoel Vilela de Magalhães, Roberto Fernandes, Rosângela Bittar, Ângela Zorzo, Alberto Chacon, Silva Fonseca, Sônia Costa e Zenaide Azeredo (fotos). Da sucursal do Rio: Aldemar Sirkis, Ana Márcia Jesus Costa, Ana Maria Nogueira de Cia, Ângela Nascimento, Alberto Chacon, Silva Fonseca, Roberto Fernandes, Rosângela Bittar, especiais. Fernando José Dias da Silva e Sérgio Borges (fotos). **Belo Horizonte** — Enviados especiais. José Magno Madureira, Pedro Costa, Tetê Bros e Wardley Celso Ornellas (textos). **São João del Rei** — Enviados especiais. Fernando Portela (fotos). **Belo Horizonte** — Enviados especiais. Carlos Walther, Gilson Martinez Alonso (textos). **ABC** — Ana Teresa Furtado. **Santos** — Curitiba — Cláo de Paula e Jorge Schulman, Dirceu Martins Pio e Kenji Honda (fotos). Schaiz, Germando Castro, Celso Rose, Fernando Gaulart e Maria Isabel Matos. **Porto Alegre** — Alexandre Carlos Gonzales, Carlos Garcia e Paulo Costa (textos). Hermes Rocha (fotos). Lacerda, Damiano Meireles, Carlos Novarro Filho, Demóstenes Teixeira e Fernando Escariz (textos). Agliberto C. Lima (fotos). **Rio de Janeiro** — Ana Maria Furtado. **Recife** — Angela Porto, Guilherme Duque, Eduardo Ulup, Gilson Mendes, Gilson Rosella, Cláudio Roberto Arruda, Duncan de Almeida, Hélio Contreiras, João Zacharias Filho, José Oliveira e Ruy Portinho (textos). Carlos Chiarino e Mauricio Menezes, Nélson Lemos, Rondolpho de Almeida, Mogado de Miranda, Lúcio Flávio Pinto (**Belém**), Francisco Oliveira (fotos). **CORRESPONDENTES**. Maura Fragoso (texto). Rodulfo Sanato (**Fortaleza**). Ainto Vicente do Vale (**Manaus**). Eliane Borges (**Florianópolis**). Carlos Alberto Nomino (**Ribeirão Preto**). Sônia Mery (**São José dos Campos**).